

**Volume 1**

**FUNDAMENTOS  
DA EDUCAÇÃO:  
Recortes e Discussões**

**Paulo Gomes Lima (org.)**

PACO  EDITORIAL

---

Conselho Editorial

**PACO**  **EDITORIAL**

Av Carlos Salles Block, 658  
Ed. Altos do Anhangabaú, 2º Andar, Sala 21  
Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100  
11 4521-6315 | 2449-0740  
contato@editorialpaco.com.br

Profa. Dra. Andrea Domingues  
Prof. Dr. Antonio Cesar Galhardi  
Profa. Dra. Benedita Cássia Sant'anna  
Prof. Dr. Carlos Bauer  
Profa. Dra. Cristianne Famer Rocha  
Prof. Dr. Fábio Régio Bento  
Prof. Dr. José Ricardo Caetano Costa  
Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes  
Profa. Dra. Milena Fernandes Oliveira  
Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins  
Prof. Dr. Romualdo Dias  
Profa. Dra. Thelma Lessa  
Prof. Dr. Victor Hugo Veppo Burgardt

---

©2014 Paulo Gomes Lima

Direitos desta edição adquiridos pela Paco Editorial. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão da editora e/ou autor.

---

L6286 Lima, Paulo Gomes.

Fundamentos da Educação: Recortes e Discussões/Paulo Gomes Lima (org.). Jundiaí, Paco Editorial: 2014.

240 p. Inclui bibliografia. Inclui tabelas.

ISBN: 978-85-8148-532-4

1. Educação 2. Fundamentos 3. Epistemologia 4. Filosofia. I. Lima, Paulo Gomes.

---

CDD: 370

**Índices para catálogo sistemático:**

Filosofia	100
Epistemologia	121
Teoria da Educação	370.1

IMPRESSO NO BRASIL  
PRINTED IN BRAZIL  
Foi feito Depósito Legal

# SUMÁRIO

Apresentação	5
Capítulo I – O Pensamento Pedagógico de René Descartes <i>Paulo Gomes Lima</i>	15
Capítulo II – O Pensamento Pedagógico de Jean-Jacques Rousseau <i>Lilian Tatiane Candia de Oliveira</i>	31
Capítulo III – O Pensamento Pedagógico de Immanuel Kant <i>Ribamar Nogueira da Silva</i>	51
Capítulo IV – O Pensamento Pedagógico de Karl Marx <i>Telma Elizabete de Moraes</i>	67
Capítulo V – O Pensamento Pedagógico de Jean Piaget <i>Kleyton Carlos Ferreira</i>	87
Capítulo VI – O Pensamento Pedagógico de John Dewey <i>Cristiane de Sá Dan</i>	101
Capítulo VII – O Pensamento Pedagógico de Lev Semionovitch Vigotski <i>Izabella Mendes Sant’Ana/Caio Cesar Portella Santos</i>	115
Capítulo VIII – O Pensamento Pedagógico de Antônio Gramsci <i>Carolina Aparecida Rosa</i>	131
Capítulo IX – O Pensamento Pedagógico de Pierre Bourdieu <i>Angélica Bellodi Sant’Ana Furlan</i>	145

Capítulo X – O Pensamento Pedagógico de Anísio Teixeira	<b>165</b>
<i>Flávia Leila da Silva</i>	
Capítulo XI – O Pensamento Pedagógico de Edgar Morin	<b>177</b>
<i>Ester Chichaveke</i>	
Capítulo XII – O Pensamento Pedagógico de Paulo Freire	<b>197</b>
<i>Gabriel Ribeiro Demartini</i>	
Capítulo XIII – O Pensamento Pedagógico de Dermeval Saviani	<b>217</b>
<i>Fabício do Nascimento</i>	
Os Autores	<b>233</b>

Capítulo I

# O PENSAMENTO PEDAGÓGICO DE RENÉ DESCARTES

*Paulo Gomes Lima*

## Introdução

O que é a verdade? Quais caminhos que, percorridos, culminarão no seu desvelamento e/ou fornecerão pistas seguras para que sua essência seja atingida? É possível atingir o conhecimento objetivo das coisas? Entre o conhecimento sensível e o racional, qual deles expressa com propriedade a busca da verdade mesma, clara e evidente? Tais questões serão imprescindíveis para considerarmos as contribuições do pensamento de René Descartes para a área da educação, como veremos a seguir.

Desde tempos remotos essas questões perpassam a construção do conhecimento humano no afã de desdobrá-lo para que sua essência seja explicitada e o conhecimento propriamente dito seja desvelado. Entretanto, é somente a partir da Revolução Científica, entre 1500 e 1700, que tais questões ganham contornos acentuados que iriam mobilizar a história e mobilizar-se com a história da humanidade no decorrer dos séculos posteriores; consequentemente, mais do que um evento histórico centrado num período ou com um fim em si mesmo, a Revolução Científica modificou a forma do homem ler e conhecer o mundo, abrindo brechas em penhascos aparentemente intransponíveis e possibilitando a revolução do pensamento, a revolução intelectual do homem em processo de desencastelamento.

Dentre os significativos representantes deste período estavam, respectivamente: 1) *Copérnico* (1473-1543), que destronava o geocentrismo ptolomaico propondo o heliocentrismo e os movi-

mentos de rotação e translação da Terra. Logicamente suas ideias (originadas pela via da estética, isto é, via o sistema ptolomaico como destituído de beleza e unidade) ofenderam o sentimento da tradição religiosa da época e também não se harmonizavam com o conhecimento astronômico até então desenvolvido, mas tal iniciativa abriria caminhos para outros estudiosos que concebiam o conhecimento para além das aparências; 2) entre eles estava *Johannes Kepler* (1571-1630) que buscava a articulação da astronomia com as matemáticas e através de suas observações e estudos formulou as 3 leis keplerianas para descrever os movimentos dos planetas (1ª - Todos os planetas se movem segundo uma elipse, sendo o Sol um dos seus focos; 2ª - A velocidade de um planeta é variável e 3ª - Os planetas se relacionam quanto à velocidade). Através de suas ideias e cálculos matemáticos Kepler contribuiu para que as formulações de Copérnico fossem estabelecidas; 3) contemporâneo de Kepler surge, no então cenário épico, *Galileu Galilei* (1564-1642), cujas maiores contribuições foram: a) a utilização do pêndulo para medir o tempo na experimentação mecânica, contrariando empiricamente a mecânica aristotélica e b) a invenção do telescópio que viria confirmar o heliocentrismo copernicano, além disso, sua postura quanto ao estudo dos fenômenos foi o marco histórico na busca da separação entre ciência e religião.

Para termos uma visão sincrônica da vida e do tempo em que Descartes viveu, o quadro abaixo nos fornecerá os elementos necessários.

### Quadro Sincrônico

Biografia	Política e sociedade	Artes e letras	Ciência e técnica
1596: Nascimento			
	1598: Edito de Nantes: liberdade aos protestantes franceses.		
			1609: Kepler (Astronomia nova).
			1610: Observações de Galileu.
		Frans Hals Rembrandt.	1614: Os logaritmos.
1618: Estada em Haia. Vida Militar, viagens.	1618: Início da Guerra dos Trinta Anos, 1619: Execução de Oldenbarneveldt. Domínio dos príncipes de Orange nas Províncias Unidas.		1619: Snellius: leis da refração. Harvey: a circulação do sangue.
1625-1628: Volta a Paris. <i>Regulae ad directionem ingenii. Instalação na Holanda.</i>	1627-1628: Sítio de la Rochelle, cidade protestante, por Richelieu.		
			1629: Galileu: o pêndulo.
			1632: Galileu ( <i>Diálogo</i> ).
			1633: 2º processo de Galileu.

Biografia	Política e sociedade	Artes e letras	Ciência e técnica
		1635: Fundação da Academia Francesa.	1635: Cavalieri: teoria matemática dos indivisíveis.
1637: <i>Discurso do método e Ensaios.</i>		1636: Corneille ( <i>O Cid</i> ).	
			1638: Galileu ( <i>Discorsi</i> ).
1640: Morte do pai de Descartes e de Francine, sua filha.			1639: Desargues ( <i>Brouillon Projet: sobre as cônicas</i> ).
1641: <i>As Meditações.</i>			
1643: Início das relações com Elisabeth.	1642: Guerra civil na Inglaterra.	1642: Hobbes ( <i>De Cive</i> ).	
1644: <i>Os Princípios da Filosofia.</i>			1644: Torricelli: o barômetro.
	1648: A Fronda na França. Paz de Vestfália.		
1649: <i>Tratado das Paixões.</i> Partida para Estocolmo.	1649: Execução de Carlos I, da Inglaterra.		
1650: 11 de fevereiro: Morte.	1650: Morte de Guilherme II, Estratúder da Holanda.	1650: Hobbes ( <i>De natura humana</i> ).	

Fonte: Granger, 1973, p. 37.

Com a eclosão desta revolução muitos valores instituídos, principalmente através do veio eclesiástico, começam a ser minados, mas, “naturalmente”, de forma a não afrontar abertamente as “verdades outorgadas”, pois, com certeza tal propositura significaria a denominação de louco ou de herege culminando, conseqüentemente, numa degradante sentença de morte ou de retratação por parte do propositor.

Neste panorama histórico emerge René Descartes (1596-1650), o nosso objeto de estudo, um homem que viria contribuir decisivamente para o pensar e o fazer científicos, mesmo a partir de uma época em que

*o raciocínio escolástico havia-se tornado um enorme sistema fechado – um jogo complicado no qual a habilidade do jogador dependia mais da capacidade de manipulação da terminologia do que propriamente da imparcialidade da procura da verdade* (Cottingham, 1986, p. 20).

Descartes não pode ser considerado um pedagogo, pois o seu norteamento estava centrado na forma de conhecer o mundo e o homem por meio de uma racionalidade filosófica centrada num encadeamento ou dúvida metódica, entretanto, as suas contribuições ao longo do tempo são revisitadas e consideradas em muitas áreas do conhecimento, inclusive a da educação, motivo pelo qual vamos localizar em seu olhar as matizes de como a inteligência é concebida e como o homem em seu universo do “ser educado” deve ser trabalhado e sentido.

## **1. A razão como eixo no processo de aquisição de conhecimento para Descartes**

Mesmo tendo estudado em colégio de jesuítas, onde o saber era totalmente orientado por regras e normas escolásticas, Descartes propõe-se a estudar a “verdade” em sua essência, sendo que

a sua idéia dominante era muito simples: a verdade muito longe de estar envolta em mistério, era facilmente acessível ao intelecto do ser humano normal, se este pudesse ser orientado adequadamente. (Cottingham, 1986, p. 39)

Portanto, tão somente através da simplicidade, da clareza e da evidência é que o conhecimento verdadeiro seria atingido, caso contrário a busca da verdade não teria raízes profundas, tornando-se meramente uma quimera especulativa. Nesta direção, se embrenha no desenvolvimento do seu método, é claro, tendo como ponto de partida o questionamento das verdades convencionalmente aceitas em sua época e tendo como pano de fundo o humanismo-renascentista de então. Para Descartes a compreensão da verdade estava baseada na filosofia como um itinerário ontológico (do próprio homem enquanto ser vivo e consciente) e vivido, um discurso sobre a insuficiência do discurso; dito de outra maneira, a verdade filosófica deve compreender o homem e entender como se estruturam as relações subjetivas e objetivas nas quais o conhecimento do homem é construído. Assim também para ele é o papel da educação, um processo de busca de significados que se materializam no ser do homem, que apropriado do espírito inato se desenvolve pelas abstrações que faz de sua ideia de existência. Os preceitos do caminho que ele perscrutava em busca da verdade clara e evidente, por meio de seu método, estavam baseados em quatro encadeamentos:

O **primeiro** consistia em nunca aceitar como verdadeiro qualquer coisa sem a conhecer evidentemente como tal; isto é, evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção; não incluir nos meus juízos nada que se não apresentasse tão clara e tão distintamente ao meu espírito que não tivesse nenhuma ocasião para o por em dúvida. O **segundo**, dividir cada uma das dificuldades que tivesse de abordar no maior número possível de parcelas que fossem necessárias para melhor as resolver. O **terceiro**, conduzir por ordem os meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir pouco a pouco, gradualmente, até ao conhecimento dos mais compostos, e admitindo

mesmo certa ordem entre aqueles que não se prendem naturalmente uns aos outros. E o **último**, fazer sempre enumerações tão completas e revisões tão gerais que tivesse a certeza de nada omitir. (Descartes, 1976, p. 17-18, grifo nosso)

Em sua filosofia racionalista, Descartes enfatiza que a razão é o elemento central no processo de aquisição do conhecimento, sendo que a experiência sensível não apresenta em si elementos de sustentação que a explique como verdadeira, pois o ordenamento do pensamento para ele é anterior a experiência, desta forma os critérios de realidade e de verdadeiro não vêm do que sentimos por meio dos órgãos sensoriais, mas dos critérios elaborados pelo pensamento sobre a realidade. Numa época em que o pensamento dogmático era a verdade final e ensinada nas escolas católicas, as ideias cartesianas sobre o inatismo (o indivíduo nasce com a capacidade inteligente, não a elabora com o contato com o mundo sensível) causam grande impacto e contribuições significativas por meio da proposição de seu método. Tanto que, entre outros, por sua contribuição o século XVII, ficou conhecido como o século do método – tanto no desenvolvimento da ciência moderna, quanto do desenvolvimento do pensamento e práticas pedagógicas modernas.

## **2. Contribuições de Descartes para o pensamento educacional**

*“O que poderá, pois, ser considerado verdadeiro?”* Ora, esta pergunta advém de sua postura primeira que supunha todas as coisas como falsas, entretanto, a pergunta permanece, tornando-se, na medida em que ele se argui, enumeradora:

Como considerar algo de verdadeiro se são falsas todas as representações de minha memória? Como considerar algo de verdadeiro se os meus sentidos me enganam e o corpo, a figura, a extensão, o movimento e o lugar não passam de ficções ao meu espírito?

Outras questões que Descartes levanta em sua desconfiança da própria dúvida são: será que *“Não há nenhuma outra coisa diferente das que acabo de julgar incertas, da qual não se possa ter a menor dúvida?”* E estes pensamentos não serão colocados em meu espírito por algum Deus ou potência?

À segunda questão ele responde que isto não seria necessário, visto que ele mesmo os poderia produzir, portanto, descarta tal possibilidade. Para responder à questão anterior Descartes elabora uma pergunta chave: *“Mas eu me persuadi de que nada existia no mundo, de que não havia nenhum céu, nenhuma terra, espíritos alguns, nem corpos alguns: não me persuadi também, portanto, de que eu não existia?”* Sem rodeios ele responde que certamente não e afirma que existia sem dúvida, sendo que o seu argumento da existência, como certa, se patamariza da seguinte maneira: há um enganador muito sutil que se esmera tenazmente em enganar-me, ora, se tenho a consciência de que ele me engana é porque eu existo indubitavelmente e mesmo que tal enganador me iluda nos seus enganos, jamais poderá fazer com que eu nada seja enquanto eu pensar que sou alguma coisa todas as vezes que tenho esta concepção em meu espírito. Assim, temos a enunciação de sua *primeira certeza*, inaugurando a sua cadeia de razões: **eu penso, eu existo.**

### A primeira certeza cartesiana



O resultado lógico de sua primeira certeza (Eu penso, eu existo) advinda da dúvida o conduz ao segundo elo, ou à sua segunda certeza no encadeamento de razões na busca da verdade (“Eu sou uma coisa que pensa), desta forma, não pode haver duvidar sem existir, assim como não há existir sem pensar. Nesta relação, consideremos o elo entre a primeira e a segunda certeza de Descartes na figura abaixo.

### **Articulação entre a primeira e a segunda certeza cartesiana**



Descartes, como já vimos antes, considerava os sentidos e as aparências sensíveis como enganadores. Para provar tal assertiva ele utiliza o exemplo de um pedaço de cera que mesmo tirado da colmeia ainda apresenta características plenamente perceptíveis aos órgãos dos sentidos: a) apresenta uma forma definida (visão) b) não perdeu a sua doçura (paladar), c) retém algo do odor das flores (olfato), d) é duro, frio (tato), e) se nele batermos produzirá algum som (audição); isto no seu estado “in natura” propriamente dito; no entanto, quando tal pedaço de cera é aproximado do fogo ocorrem modificações que alteram todas as percepções anteriormente enumeradas: a) o sabor exala-se, b) o odor desaparece, c) a cor se modifica, d) sua figura se altera, sua grandeza aumenta, ele torna-se líquido, por causa do calor quase não se pode tocar e e) se nele batermos nenhum som será produzido. Desta maneira, das aparências sensíveis nada mais resta, senão somente a cera numa outra forma, em sua essência; algo de extenso, flexível, mutável, logo, algo que só pode ser conhecido pela razão e não através da experiência sensível, nem mesmo através da imaginação, porque é

o entendimento quem a concebe para além das aparências, isto é algo que os sentidos exteriores e o senso comum (poder imaginativo) não alcançam, mas a razão, por sua vez, domina.

Através desse argumento Descartes chega à conquista de sua terceira certeza: “o espírito é mais fácil de conhecer do que o corpo”, pois, os corpos somente são concebidos através de minha existência, e para que esta seja verdadeira o “eu penso” deve ser o elemento norteador (e não os sentidos); e é o espírito (razão) que me proporciona conhecer o corpo, ou sua verdade na essência.

### O encadeamento de três certezas cartesianas



Todo o caminho metódico percorrido por Descartes, como descrevemos até aqui, tinha objetivos bem definidos: 1º) provar a existência de Deus e 2º) desbaratar a possibilidade de considerá-lo como enganador, sem o que seriam impossíveis quaisquer certezas, inclusive a existência dos indivíduos propriamente dita. E como proceder nesta empreitada?

Descartes vai afirmar que nossos pensamentos podem produzir representações mentais (a ideia que tenho da representação de uma determinada coisa), e que são chamadas vontades ou afecções e juízos e são essas ideias que estão em mim que me dão a conhecer a minha existência, a existência de Deus; são essas ideias o fio condutor que provam que Deus não é enganador. Mas, de onde vêm tais ideias, como é explicada a sua existência em mim? Para responder estas questões, Descartes propõe três

respostas possíveis: ou vieram de fora (adventícias) ou nasceram comigo (inatas) ou ainda foram feitas por mim (fictícias).

As ideias adventícias advogadas pelo senso comum, como tendo origem numa coisa exterior, não apresentam em si qualquer objetividade (assim também como as fictícias), pois a ideia que se obtém desta pode não ser semelhante à coisa propriamente dita.

Para Descartes, a ideia é comparada a um quadro dos objetos que existem fora dela. Enquanto representação mental ela é verdadeira, mas não é qualquer ideia que consegue representar o objeto que eu desejo, pois, se assim o fosse, haveria convivência com o pensamento do senso comum que acredita ser a mente como um espelho (a imagem coincide com o que o objeto é). Então surge, nesta direção, uma importante questão: *“Como podemos ter certeza do valor objetivo de uma ideia?”*

Somente teremos certeza da objetividade de nossa ideia, segundo Descartes, quando ela nos representar substâncias, pois estas contêm realidade objetiva em gradações do ser e também a perfectibilidade (o caso da ideia de Deus – que apresenta, portanto, realidade objetiva, uma vez que é uma substância perfeita).

Deus, por conseguinte, como realidade objetiva é a causa eficiente que origina o cogito (o efeito) havendo, conseqüentemente, tanto realidade na causa quanto no efeito; sendo que somente um ser perfeito (Deus) pode ser a causa de um menos perfeito (o homem).

Descartes considera Deus como uma *“substância infinita, eterna, imutável, independente, onisciente, onipotente e pela qual eu próprio e todas as coisas que são...foram criados e produzidos”*, portanto, o único capaz de ter colocado em mim a consciência do cogito. Isto reafirma a realidade objetiva de Deus, que Ele existe, pois, como observa Descartes, não teríamos jamais a ideia de uma substância infinita e a consciência de que sou um ser finito se isso não tivesse sido colocado em mim por um ser infinito. Ora, no caso de não haver Deus também não haveria a própria existência, pois todas e quaisquer causas não são perfeitas, como Ele o é. Desta maneira, o indivíduo não pode ser o seu próprio criador, dado que é uma substância imperfeita. Mas em Deus é

diferente, porque Nele está a fonte de toda a perfeição, logo, de minha existência objetiva no mundo (assim a causa de minha existência não está em mim mesmo, não está numa causa aleatória, ou em causas diversas, mas numa causa específica, numa causa incausada, que existe e me faz existir: Deus).

Em todo este percurso lógico, Descartes afirma que essa ideia de Deus como a causa originadora do ser é inata. Pois quando o homem foi criado, Deus pôs nele a ideia de si como uma marca impressa, desta forma o homem passou a parecer com seu Criador. O verbo “parecer” aqui é próprio, pois o homem como sombra, como antítipo do Divino, é “uma coisa imperfeita, incompleta e dependente de outrem” (de Deus).

Nesta direção, Deus, como ser soberanamente perfeito, não pode, de maneira alguma, ser enganador, todavia, Ele é Deus Criador e Deus Mantenedor, razão de existir do ser enquanto ser. Deus, portanto, assume na obra cartesiana um papel imprescindível: o elo que prova o valor objetivo das ideias de forma clara e evidente, coroando sua cadeia de razões, como podemos analisar na figura abaixo, deixando de ser o quarto elo neste encadeamento e passando a ser o primeiro.

### Deus no encadeamento racional cartesiano



O pensamento educacional incorporaria tais pressupostos no estudo da inteligência da criança ao longo do tempo, ora vinculados a outros campos dos saberes ora mesclados com orientações religiosas com a finalidade de ratificar o poder divino e criador de

todas as coisas. Nesse passo, o contraponto realizado por John Locke de que as experiências são determinantes para o conhecimento do mundo e do homem também contribuirão para estudos com maior aprofundamento epistemológico, *a posteriori*, mas é certo que a rede de razões cartesianas impactou com significativa dimensão as discussões sobre os saberes, fazeres e “pensares” da pedagogia.

### 3. Considerações finais

Analisamos, neste capítulo, como Descartes, partindo da suspensão das verdades estereotipadas, evidencia que “todas” as coisas podem ser colocadas em dúvida; isto porque são delineadas, percebidas, sentidas através de fundamentos que, para ele, não apresentam uma realidade objetiva (o questionamento cartesiano, entretanto, não tem um caráter prático, é teórico). Ora, a sua proposição, muito embora considere “todas as coisas” como suscetíveis a dúvidas, não é analisar uma a uma com a finalidade de provar a sua tese, mas analisar os princípios que as regem, contrastando aqueles tidos como reveladores da verdade do mundo e da existência (da sensibilidade) com os princípios da racionalidade e, nesta análise, estes princípios são arguidos sobre sua certeza e evidência.

O que não é certo e evidente é falso. Se tivermos uma única razão para duvidar de determinado princípio, ele será considerado como falso em sua totalidade, pois não é próprio à luz natural confiar em quem já lhe enganou, mesmo uma única vez. Nesta diretiva, todos os conhecimentos sensíveis são considerados falsos, pois nos dão razões para deles duvidarmos; mesmo das coisas concretas é possível duvidar (aqui ele utiliza o argumento dos sonhos – eu posso pensar que estou aqui, mas na verdade não estou, estou sonhando que estou).

Mas, e quanto às verdades matemáticas? São elas passíveis de dúvida? Sim, são, mas não com o mesmo argumento dos sonhos, pois quer eu esteja acordado ou dormindo a soma de dois mais três sem-

pre será cinco. Mas mesmo este conhecimento, tido inicialmente como certo e evidente, será considerado como dubitável, pois pode ocorrer um erro de raciocínio, pois os homens se equivocam, erram.

Este percurso conduz Descartes a levantar a hipótese do Deus enganador, sendo ele o autor do engano a que somos suscetíveis, ele é quem nos faz errar. O objetivo de Descartes, entretanto, é demonstrar que Deus é verdadeiro e bondoso, mas enquanto ele não conseguir provar, considerará a hipótese do contrário, reforçando a dúvida universal, mantendo-a em nossa memória. Descartes conclui esta meditação afirmando que o único jeito de evitar ser enganado pelo Deus enganador, então, é a suspensão do juízo, isto é, não posso afirmar nem negar nada.

Em seguida verificamos que da dúvida universal Descartes extrai sua primeira certeza (*penso, logo existo*) que é e deve ser absolutamente evidente em si mesma, portanto, intuitiva (ideia evidente que não se apoia em nenhuma outra). O cogito é o princípio interno da própria dúvida (*penso, logo duvido e se duvido é porque penso*).

Esta primeira certeza é anterior, até aqui, a quaisquer outras. Assim, a certeza de minha existência é requisito *sine qua non* para o surgimento das demais. Da primeira certeza ele formula a questão que geraria a segunda: “Como este eu é constituído? O que sou eu?” A constituição humana, para Descartes, é dicotômica, isto é, a) a natureza do eu é puramente espiritual (substância – puro pensamento) e b) o corpo (substância material que não pensa).

Sendo a existência do corpo (substância extensa) algo que posso colocar em dúvida, o que sou não pode ser compreendido por esta via, pois a consciência da própria materialidade do corpo não está nele mesmo, mas no puro pensamento; daí, a descoberta de sua segunda certeza (*eu sou uma coisa que pensa*) na construção da visão cartesiana (homem ser-pensante). Neste encadeamento, onde o atributo principal do espírito é puro pensamento, Descartes elabora sua terceira certeza (*a alma ou espírito* – sinônimos para racionalidade – *é mais fácil de ser conhecida (o) do que o*

*corpo*) reafirmando a anterioridade do pensamento, uma vez que o corpo permanece desconhecido por causa do Deus enganador, assim tanto a sua essência como a sua existência são desconhecidas (aqui Descartes utiliza o exemplo do pedaço de cera tirado de uma colmeia para refutar a ideia do senso comum que acreditava ser mais fácil se conhecer o corpo do que a alma).

Também discutimos o papel central de Deus no cogito cartesiano, em que propósito maior de Descartes foi provar que o conhecimento objetivo (“certo e evidente”) da verdade das coisas era plenamente possível. Para isto ele prova a existência objetiva de Deus como causa eficiente, portanto, geradora de efeitos, dos quais o homem é um deles.

O homem só tem a ideia de Deus porque esta lhe foi colocada como uma marca impressa por Ele mesmo e é através da consciência Dele que tenho consciência de mim. Se Deus existe, eu existo, pois é Ele em sua perfectibilidade que dá condições para eu me aperceber do que sou e como sou/estou no mundo. É justamente neste ponto que Deus, enumerado em 4º lugar no encadeamento das razões cartesianas, passa a ocupar o 1º lugar, pois Ele é criador e mantenedor de todas as coisas, é Ele quem possibilita a estrutura do cogito propriamente dita.

O exercício de acompanhamento do itinerário cartesiano é, no mínimo, desafiador. A estrutura do seu pensamento inquieta todo leitor atento, despertando momentos ora conflituosos (discussões e brigas com o texto e com o autor), ora momentos de expectativa no desenvolver de uma linha de raciocínio, quer por parágrafos, quer pelo texto em sua totalidade. Desta maneira, considerando os textos trabalhados e as “discussões” com o autor, esperamos que este recém-construído texto evoque à “luz natural” daqueles que o desejarem, um encontro com Descartes, abrindo assim, canais consideráveis de dialogicidade, através dos quais inúmeras contribuições reflexivas são construídas sempre como e com um novo olhar.

## Referências

- ABBAGNANO, N. & VISALBERGHI, A. *História de la pedagogia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.
- ALQUIÉ, F. *A filosofia de Descartes*. Lisboa: Editorial Presença, 1969.
- COTTINGHAM, J. *A filosofia de Descartes*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- DESCARTES, R. *Discurs de la méthode*. Paris: Librarie Philosophique J. Vrin, 1947.
- \_\_\_\_\_. *Discurso do método/As paixões da alma*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Oeuvres et lettres*. Textes présentés par André Bridoux. Paris: Gallimard, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Meditações*. In: *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Princípios da filosofia*. Trad. Alberto Ferreira. Lisboa: Guimarães Editores, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Reglas para la dirección Del espíritu*. Trad. Juan Manuel Navarro Cordon. Madrid: Alianza Editorial, 1989.
- GRANGER, G. G. *Descartes: obra escolhida*. São Paulo: Difel, 1973.
- LIMA, P.G. *Fundamentos teóricos e práticas pedagógicas*. Engenheiro Coelho/SP: UNASPRESS, 2013.